

A TERCEIRA MARGEM: EM BUSCA DO ECODESENVOLVIMENTO¹

Antonio Almeida da Silva*

Aos 80 anos, o economista, ou melhor, o ecosocioeconomista, como assim prefere ser chamado, Ignacy Sachs, decide nos contar suas vivências, trajetórias e memórias. Essas andanças são descritas no livro “A Terceira Margem: em busca do ecodesenvolvimento”, as quais passo a apresentar neste texto. O livro narra momentos, lugares, vidas e vivências que Ignacy Sachs nos apresenta com sabor e simplicidade, por meio do véis literário e envolvente, não é de estranhar a analogia do título aos contos primorosos de Guimarães Rosa, misteriosamente nos prendem e nos surpreendem a cada página lida.

Quando comecei a ler “A Terceira Margem” acreditei tratar-se de uma biografia ou um relato das experiências de Ignacy Sachs e, quando ia adentrando as linhas e as ondulações – pois esse livro não é linear como evidenciado costumeiramente em uma biografia – percebia que o livro se apresentava em tom de uma narrativa de vivência. Acredito que a leitura pode causar uma sensação de estranhamento, talvez se deva à forma como o autor adotou para descrever sua biografia que, na verdade, trata-se de estórias contadas numa linguagem romanesca. Nessa narrativa, como uma espécie de um retrovisor, Sachs reinventa memórias - boas memórias por sinal - que nos levam a mundos, a lugares, nostalgidos pela beleza ou pelo sofrimento vivenciado.

Sendo assim, “A terceira margem” nos permite avançar com prudência, recuar e depois avançar novamente para experimentar outras veredas e criar novas margens. Ignacy é um aventureiro, um militante. Sua militância está impregnada de

* Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba – Uniso. Dourando em Educação pela Unicamp.
E-mail: almeidaecobio@bol.com.br

1 SACHS, Ignacy. São Paulo: Cia. da Letras, 2009.

volubilidade que, por horas negativas, se esmaecem e dão lugar ao deslumbramento, proporcionando a paixão por conhecer, compreender, no exercício de ser útil para o voluntarismo responsável da reinvenção do futuro. Mesmo com 80 anos, nunca deixará que sua canoa emborque, ou que bubeie sem pulso, e não desiste nem tenciona atracar a sua canoa, continua a navegar à descoberta da terceira margem do rio de paisagens sociais harmoniosas, onde terão desaparecidos as polaridades e as exclusões, os ódios e as violências observados nas duas margens - a capitalista e a real-socialista - do longo e não tranquilo rio que perpassa a sua vida.

O livro relata, descreve, ou melhor, narra uma vida como se portasse um bloco de notas que nos engendrassse às suas memórias flutuantes.

Remexo com um pedacinho de arame nas
minhas memórias fósseis.
Tem por lá um menino a brincar no terreiro:
 entre conchas, osso de arara, pedaços de pote,
sabugos, asas de caçarolas, etc. (BARROS, 2007, p. 47)

Lembranças do *locus amenus*, de uma vida confortável. Nascido em Varsóvia, em 1927, sua família, judia, era de origem abastada, em razão disso pode usufruir de boa escola. Porém, a nostalgia é dispensada e ocupada por uma lembrança sofrida, pois os boatos de uma guerra patrocinada pelo governo alemão tornaram-se realidade e a esperança de um futuro próspero se desvanecia a cada dia, sensíveis que eram ao perigo que os nazistas representavam para os judeus.

As esperanças de paz se neutralizaram, sobretudo depois da assinatura do pacto Molotov-Ribbentrop, que marcava o fracasso das negociações entre os aliados ocidentais e a União Soviética. Era inevitável a guerra, embora o país todo se embalasse até o último fôlego pela esperança insensata e aspirasse à prevalência da democracia, para que as armas não tivessem a última palavra.

Numa manhã acinzentada, o caos se pronunciou e se estabeleceu como um relâmpago - era o prenúncio da guerra, anunciada pelo intenso bombardeio sobre o solo de Varsóvia. E, aos doze anos de idade, Ignacy sai às pressas de seu país natal, juntamente com a família, para refugiar do nazismo e da política racial antisemitas, percorrendo diversos países: Romênia, França, Espanha, Portugal, Índia e, finalmente, o Brasil.

Daquele momento em diante, o jovem polonês enfrentou a longa odisseia de fuga, sacrificando todos seus pertences. Fugiu dos alemães na Romênia, na França, na Espanha e em Portugal, contudo, esses dois últimos países eram governados por um regime fascista que mantinham fortes relações com a Alemanha de Hitler. Então,

partiram em fuga para um novo abrigo. Por indicação de amigos a família de Ignacy chega ao Brasil.

O ecossocioeconomista nos relata que conhecer o Brasil, particularmente o Rio de Janeiro, foi uma aventura que perpassou toda a sua vida, “jogo de espelhos”, de um estranhamento intenso, pois conhecera o Brasil por meio de livros poloneses, em que se apresentava a imagem de um território selvagem, repleto de moléstias e perigos. Ao contrário do escrito nos livros, o país se apresentara exótico, assombrosamente luxuoso e moderno, viam-se muitos carros e arranha-céus em toda parte. Era um encanto, costeado por praias e uma vegetação exuberante.

Mesmo com um regime centralizador e ditador instalado no país, viu-se um futuro antes recrudescido a se esplandecer, novas oportunidades e convivências. Decide, então, aproximar a cultura polonesa à brasileira, bem como contribuir para o desenvolvimento das trocas culturais entre esses países.

Em 1946, a guerra havia recém terminado, porém, a situação financeira estava crítica. Nesse período, duas coisas importantes aconteceram na vida da Ignacy: uma foi a de conhecer pessoalmente o vice-cônsul que chegara a São Paulo, ocasião em que se abriu a oportunidade de trabalhar no consulado, e outra foi conhecer Viola, sua futura esposa.

Nos estudos, passou a interessar-se por Filosofia e, influenciado pelas leituras de Gandhi, escreveu o seu primeiro artigo. Ingressou na faculdade de Economia e demonstrou fascínio pelas leituras de Marx, Engels, Lenin e Stalin. Porém nenhuma universidade conseguira proporcionar em sua vida uma imersão na vida *intelligentsia* brasileira, no pleno desabrochar do movimento “Tropicologia” e da antropofagia brasileira. Nesse período, teve a grande oportunidade de conhecer e conviver com alguns intelectuais do Rio de Janeiro, tais como Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Cândido Portinari, Oscar Niemeyer, entre outros. Mesmo com toda a influência e contato com fina flor da *intelligentsia*, decidira voltar à Polônia.

Como uma espécie de cegueira, que de certa forma incomodava-o intensamente, “desertava para outra sina de existir”, pois acreditara que poderia contribuir para o estabelecimento do socialismo na Polônia, retorna à Varsóvia e, ao chegar, é surpreendido por uma imensa emoção e, ao mesmo tempo um choque, ao encontrar a cidade mutilada pelas feridas da guerra, porém, era lá que ele tinha que contribuir. Entretanto, como uma espécie de dívida e nostalgia ao Brasil, dedica-se a aprofundar suas leituras e pesquisas.

Após alguns anos, é nomeado embaixador da Índia. Viaja para esse país, onde ingressa e conclui seu doutorado e, ao voltar para Varsóvia, assume o cargo de professor-assistente da Escola de Planejamento e Estatística.

O leitor talvez esteja a perguntar: e o sobre o “ecodesenvolvimento”? Acredito que agora, diante das veredas memorativas, temos elementos suficientes para falar sobre como surgiu esse conceito na vida de Ignacy Sachs.

A problemática do meio ambiente era, para Sachs, um tanto alheia. Foi em 1970 que participou, em Tóquio, do primeiro colóquio internacional sobre o meio ambiente como desafio às ciências sociais, sob a temática degradação do meio ambiente. Essa preocupação se intensificara, principalmente depois do envenenamento por mercúrio na baía de Minamata. Foi em Tóquio que, pela primeira vez, associou a problemática do meio ambiente e a do desenvolvimento.

Por sugestão da UNESCO, foi convidado a participar da primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em junho de 1972, onde se pronuncia contra o ideal “democrático progressista” e o radicalismo do “zegistas”; o primeiro é representado por uma concepção deturpada de desenvolvimento, priorizando o desenvolvimento econômico e deixando de lado o social e o ambiental; já o segundo, contrariamente ao exposto, defendendo os crescimentos demográfico e material zero, em nome do meio ambiente. Diante desse paradoxo nas concepções apresentadas, Ignacy Sachs nos convida a pensar em outros modelos de desenvolvimento, em uma via mediana, em uma terceira margem, onde os objetivos do desenvolvimento sejam condicionados ao ambiental, economicamente viáveis e inexequivelmente social.

O autor busca, de forma incansável, em seus argumentos, novas maneiras de se produzir, se consumir, sem desperdiçar, e, sobretudo, de diminuir a desigualdade social entre os países. “Desenvolver é construir uma civilização do ser na partilha igualitária do ter”. Isso deveria se tornar uma fala obrigatória do ensino nas escolas, pois facilitariam compreender a história e preparar a futura geração a uma reflexão cultural e ecológica.

Diante desse desafio apresentado, podemos pensar no “ecodesenvolvimento”-lançado em Estocolmo em 1972 - como uma possibilidade política nessa vida mediana do desenvolvimento. Ignacy Sachs trabalhou durante muito tempo no aperfeiçoamento desse termo, formulando sua base teórica, na qual teve um amplo desdobramento e repercussão que, infelizmente, durante o percurso transformara-se em “desenvolvimento sustentável”, termo que o desagradou em muito, pois estava sutilmente imbricado de muitas ideias simplistas e reducionistas de caráter individualista e interesseiro. “... o “ecodesenvolvimento” se tornou uma palavra mal apreciada, desaconselhável mesmo, e progressivamente substituída em inglês pela expressão *sustainable development*”. (SACHS, 2009, p. 243)

Durante alguns anos, Sachs tentou resgatar a essência e a importância do conceito na sua origem e, diante disso, uma série de conferências e colóquios realizados no mundo, particularmente na América Latina, teve como objetivo discutir a perspectiva

do desenvolvimento. Dentre elas, podemos citar a Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, popularizada como Rio 92, que possibilitou novas esperanças, visto que muitos países adotaram legislações e administrações ambientais, e as empresas, ao menos algumas, se convencerem de que o meio ambiente poderia ser uma fonte de lucro e não apenas custo adicional.

Outro grande passo para as políticas ambientais foi o lançamento da Agenda 21, sendo estabelecido um rico rol de ações a empreender, além do compromisso de estabelecer milhares de Agendas locais elaboradas coletivamente pelo mundo todo. Porém, lamentavelmente, após 10 anos, houve em diversos aspectos, um arrefecimento do que se conquistou na Rio 92.

Para Ignacy Sachs, o “ecodesenvolvimento parte da sustentação de três pilares: eficiência econômica, justiça social e prudência ecológica. Está em jogo estabelecer relações simbióticas entre o homem e a natureza, e, segundo o autor, a vida no campo teria grandes potencialidades para o “ecodesenvolvimento”.

Ignacy Sachs é um dos grandes articuladores e militante do termo “ecodesenvolvimento”, dando-lhe uma dimensão conceitual, programática e metodológica, hoje conhecido como desenvolvimento sustentável. Para Sachs, a ecologia sai do modismo para um dever inequívoco de cada “cidadão do mundo”. Seu pensamento se estabelece e toma dimensão através das experiências (inclusive pessoais). Não podemos deixar de mencionar que uma boa parte do percurso intelectual e profissional foi marcada pela contribuição de Michal Kalecki, um grande cientista e modelo de integridade moral.

Para Sachs o “ecodesenvolvimento” se apresenta por seus objetivos éticos e sociais, levando em consideração as condicionalidades ambientais, ecológicas, porém, só existe se tiver viabilidade econômica. É um sistema formado pelo tripé social, ambiental e econômico - juntos e não justapostos -, em que toda concepção de desenvolvimento está imbricada relações de poder, onde atuam três protagonistas: o Estado, as empresas, a sociedade civil, contudo, essa última só possui legitimidade na auto-organização e na luta política pelo controle do Estado. E é nesta nova geração, condenada a inventar, que Ignacy aposta suas fichas.

Ignacy Sachs através do seu “jogo de espelhos” e das veredas da memória, nos escreve, nos relata, nos projeta em “A Terceira Margem: em busca do ecodesenvolvimento” seus retrovisores movediços, misteriosos, violentos, sinuosos, e ao mesmo tempo, aprazíveis, calmos, que nos encantam, desnudam e nos levam aos descaminhos. *Todos os caminhos – nenhum caminho/Muitos caminhos – nenhum caminho/Nenhum caminho – a maldição dos poetas.* (BARROS, 2001, p. 58) Nessa travessia, diante da necessidade de se viver em outras águas, que sua canoa, arqueada em rijo, busca-se outras paragens em vista ao ecodesenvolvimento.

“Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio”. (ROSA, 2001, p. 85)

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Retrato do artista quando coisa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **O livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ROSA, Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.